

O ALMOÇO COM O FARISEU

Carlos Torres Pastorino

Lucas 11:37-41

37 Tendo acabado de falar, pediu-lhe um fariseu que almoçasse com ele; e havendo entrado, reclinou-se à mesa.

38 Vendo isto, o fariseu estranhou, porque não se lavou antes do almoço.

39 O Senhor, porém, disse-lhe: "Agora vós, os fariseus, limpais o exterior do corpo e do prato, mas vosso interior está cheio de rapina e maldade.

40 Insensatos, acaso quem fez o exterior não fez também o interior?

41 Daí, porém, em esmolas o conteúdo, e leis que todas as coisas são limpas para vós".

Este trecho, privativo de Lucas, arma o cenário de uma série de invectivas, em que Jesus demonstra toda a falsidade dos fariseus, escribas e doutores da lei, falando sem constrangimento, "resistindo-lhes na cara" (cfr. Gál. 2:11), com tal autoridade e firmeza que ninguém ousou retrucar nem desmentir. Vê-lo-emos no próximo capítulo.

"Um" fariseu, sem citação de nome, sem identificação possível, um dentre a grande coletividade, após ouvir-lhe as palavras, pede que aceite almoçar em sua casa. Jesus acede. Entra-lhe no lar e reclinou-se à mesa: o fariseu de estranhar; Jesus, o conhecido Rabbi, não fizera as abluções ritualísticas! Já o caso fora anteriormente discutido e explicado (cfr. Mat. 15:1-20; Marc. 7:1-23; vol. 4o. pág. 7 e 12 ss).

Essas abluções ritualísticas constituíam praxe rigorosa entre os fariseus (pharusim = separados), que as exageravam, exigindo-as de todos sem exceção, no trato diário, sempre que se chegavam à mesa; ao passo que o prescrito em Lev. 15:11-12 estabelece sua necessidade apenas para os homens vitimados por doenças venérea. Todavia, de medo hipócrita de ser contaminados sem saberlo exigiam eles a ablução das mãos e de todos os recipientes que serviam à alimentação.

O Mestre vai direto ao assunto, mostrando que não é o recipiente físico material (prato ou copo) que necessitam de limpeza, mas o "interior", o âmago, o coração deles, que se revela, no entanto, cheio de "rapina e maldade". Jesus revela perceber que essa exigência rígida constitui um "transfert" psicológico, em que a criatura descarrega no objeto todo o peso da própria consciência, para com isso sentir-se aliviada. Com sua frase franca, lançando-lhes em rosto o epíteto magistralmente escolhido e que se adapta de pleno ao caso: "insensatos"! (asynetoi, isto é, "sem inteligência").

São proferidas, a seguir, duas frases aparentemente enigmáticas: "quem fez o interior, também fez o exterior". É uma oposição entre duas coisas distintas mas que, pelo jogo psicológico, vinham a constituir-se, no fundo, uma só: o interior dos homens e o exterior dos pratos, dos copos, dos recipientes, dos "vasos". Ora, a comparação é válida, mesmo no estilo escriturístico, conforme

podemos verificar na literatura posterior, em que o "corpo" físico é considerado o "vaso" da alma, e o homem, o "vaso" da Divindade: "Esse (Paulo) é para mim um vaso de eleição" (At. 9:15); "será um vaso de honra, santificado e útil ao Senhor" (2o. Tim. 2:21); "para que cada um de vós saiba possuir o vaso em santificação e honra" (1o. Tess. 4:4); "temos esse tesouro em vasos frágeis" (2a. Cor. 4:7).

A segunda frase é: "dai porém em esmolas o conteúdo (τὰ ἐνόητα) e todas as coisas são limpas para vós". Observamos o processo de superação dos convencionalismos por meio do trabalho de doação de si. A interpretação corrente, que atribui a essas palavras o sentido de dar "o que está dentro dos pratos e copos" - ou, pior ainda, a tradução da Vulgata: quod súperest, "o que é supérfluo" - como se houvesse referência à doação de bens materiais ou alimentos, constitui uma distorção da idéia básica, que vem sendo desenvolvida no contexto, ou seja, a oposição entre o exterior dos recipientes e o interior do homem. Conservando-se o mesmo teor interpretativo, verificamos que a doação em esmolas do "conteúdo" da criatura, de sua própria pessoa, de suas vibrações de amor desinteressado, em benefício "dos demais", fará que se esqueçam seus próprios problemas, anulando-se traumas e fobias, e promovendo a tranqüilidade de paz interna, a única que pode garantir a pureza de todas as coisas: "tudo é limpo para os limpos" (Tito. 1:15).

A lição que se depreende deste trecho vem de encontro a muitas teorias esposadas por muitas seitas religiosas, sistemas filosóficos e mesmo doutrinas esotéricas.

A distinção estabelecida entre o "recipiente" e o "interior", faz-nos compreender, logo de início, que os termos são usados em sentido metafórico: trata-se do corpo, vaso do Espírito, que é seu interior. Com efeito, a "pureza legal" referia-se unicamente ao corpo físico-denso: corrimentos, fluxos sangüíneos muliebres (menstruação) ou de ambos os sexos (hemorróidas), poluições seminais masculinas (espermatorréia), contatos sexuais com emissão espermática, ou seja, tudo o que estava ligado às partes genitais; ou então, aos casos de cadáveres, que também tornavam "legalmente impuros" os que deles tratavam ou neles tocavam. Tudo isso era, inclusive, extensivo aos que tivessem contatos com os próprios impuros ou com os objetos em que eles tocassem. Essas regras higiênicas tinham razão de ser; evitar o alastramento das doenças venéreas (pelo que também foram proibidas as carnes "remosas", isto é, causadoras de irritações cutâneas e dermatoses), e o perigo de contágio de enfermidades que pudessem ser transmissíveis, sobretudo depois da rápida deteriorização dos cadáveres no clima quente palestino. Daí serem "legalmente impuras" também as doenças julgadas contagiosas. Tudo, como vemos, relacionado com o corpo físico-denso.

Na realidade, já se falara antes da limpeza do coração (cfr. Salmo 23:4), na limpeza do mal (cfr. Is. 1:16), na limpeza da alma (Tob. 3:16). Essa a limpeza do interior a que se refere Jesus (cfr. Mat. 5:8) em oposição à outra.

E o que se deduz deste trecho é uma lição em que o Mestre demonstra que não é a limpeza de corpo que vale, mas a do Espírito. E justamente a tendência de muitas seitas é a de considerar "pecado" o ato físico, sem dar a devida importância ao Espírito, quando o oposto foi ensinado por Jesus: haja limpeza espiritual, que o ato físico pouca importância tem (cfr. 1a. Cor. 7:9). Muito mais que o contato

físico dos sexos, o que importa são os pensamentos a esse respeito (cfr. Mat. 5:28 e 15:19; Marc 7:21). Não é o ato carnal que torna impuro: é a criação mental. De nada adianta guardar uma castidade física e nutrir pensamentos libidinosos. Será melhor realizar logo o ato e aliviar-se, que arder de desejos incontidos perdendo a paz espiritual, como afirmou Paulo aos Coríntios (1a. Cor. 7:9).

A explicação dessa teoria é dada categoricamente: quem fez o exterior (com os órgãos sexuais, para serem santamente usados, dentro do amor), também fez o interior, que se revela o único responsável, como guia do conjunto Homem. Não é bastante a pureza exterior; com maior razão, requer-se a interior. De nada adianta lavar e purificar o exterior, o "recipiente", sem que o mesmo suceda com o "conteúdo", que precisa estar "limpo" de maldade e rapina.

Ora, o contrário da rapina e da maldade, é a generosidade e a bondade. Então, para combater os vícios primordiais da usura e do egoísmo, que "sujam" a criatura, o ideal será fazer a doação do próprio Espírito em atos de socorro, de iluminação, de conforto, de assistência. Quem organizar sua vida sem ambição egoísta, sem enclausuramento em si mesmo, mas aprender a dedicar-se integralmente ao próximo, com auto-doação plena, verá que tudo é puro para si, não apenas de pureza "legal", mas de pureza real, que nada consegue manchar.

Extraído do Livro "Sabedoria do Evangelho" - Carlos Torres Pastorino